



“A EXISTÊNCIA É FORJADA A PARTIR DE NARRATIVAS” – ENTREVISTA COM DANIEL MUNDURUKU

“LA EXISTENCIA ES FORJADA DESDE LAS NARRACIONES” – ENTREVISTA CON DANIEL MUNDURUKU

Daniel Munduruku
ENTREVISTA POR: **Tiago de Holanda Padilha Vieira***
Cesar Augusto López Nuñez**

* tiagohpadilha@gmail.com
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre pelo Pós-Lit.
** usatuilusion_1993@hotmail.com
Doutorando do Programa de Pós-Graduação da Facultad de Letras y Ciencias Humanas da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM - Peru). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Uma apresentação que “imite” cronologias constantes de *Nossos Clássicos*, coleção publicada em dezenas de volumes pela editora Agir (imaginando que a ênfase recaia ora em *nossos*, ora em *clássicos*):

Dados Biográficos:

1964 – Nasce, em uma aldeia munduruku no estado do Pará, Daniel Munduruku Monteiro Costa.

1989 – Gradua-se em Filosofia pela Universidade Salesiana de Lorena.

1996 – Publica seu primeiro livro, *Histórias de índio*.

2004 – O livro *Coisas de índio – Versão infantil* vence, na categoria “Didático e paradidático de ensino fundamental e médio”, o Prêmio Jabuti.

2006 – Agraciado, no grau de Comendador, com a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2013, novamente premiado, no grau de Grã-Cruz, sob a presidência de Dilma Rousseff.

2008 – O livro *O olho bom do menino* vence, na categoria “Literatura infanto-juvenil”, o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

2010 – Doutora-se em Educação pela Universidade de São Paulo.

2013 – Torna-se diretor-presidente do Instituto UK’A – Casa de Saberes Ancestrais.

2020 – 18 de junho: Envia, por e-mail, as respostas da presente entrevista.

SITUAÇÃO HISTÓRICA – Início da ditadura militar, 1964. Criação da Fundação Nacional do Índio, 1967. Discurso de Ailton Krenak durante a Assembleia Constituinte, 1987. Promulgada a “Constituição Cidadã”, 1988. Massacre de Haximu, 1993. Inauguração da usina hidrelétrica de Belo Monte, 2016. Jair Bolsonaro toma posse como presidente da República, 2019. “O mundo acaba e renasce todo dia”, diz Daniel.

PERGUNTA – EM UMA ENTREVISTA CONCEDIDA À ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA, VOCÊ DISTINGUIU DUAS CATEGORIAS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA. UMA FOI RESUMIDA NAS SEGUINTE PALAVRAS: “ESSE TIPO DE LITERATURA QUE A GENTE DEFINE ASSIM, NA UNIVERSIDADE E TUDO O MAIS, É UMA LITERATURA [DE] DIVERSÃO”. A OUTRA SERIA DE TIPO “MILITANTE”, À QUAL VOCÊ VINCULOU A SI MESMO: “QUEM VEM DE UMA MILITÂNCIA E TUDO O MAIS, NORMALMENTE QUANDO ESCREVE UM LIVRO, PENSA QUE ESSE LIVRO PODE AJUDAR A DIMINUIR O PRECONCEITO, DIMINUIR A EXCLUSÃO SOCIAL”. A ENTREVISTA FOI PUBLICADA EM 2011. VOCÊ AINDA COMPREENDE A PRODUÇÃO LITERÁRIA SEGUNDO ESSA DICOTOMIA? PODE EXPLICAR ESTA DUALIDADE MAIS DETALHADAMENTE? VOCÊ PERCEBE A SI E AOS DEMAIS AUTORES INDÍGENAS COMO “MILITANTES”?

RESPOSTA – A minha literatura é militante. Não creio que todos os escritores devam ser, por isso disse que se trata de uma literatura de diversão. Penso do mesmo jeito ainda hoje, embora perceba que há uma mudança na nova geração de escritores que está surgindo. Hoje já é mais possível perceber uma literatura comprometida com a mudança social, há maior número de saraus nas periferias dos grandes centros urbanos e não é incomum que estes encontros gerem bons livros que acabam chegando às pessoas que nem sempre estão familiarizadas com a leitura. Isso para mim é militância literária.

P – O ANTROPÓLOGO EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO, NO PRÓLOGO DE *A INCONSTÂNCIA DA ALMA SELVAGEM E OUTROS ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA* (COSACNAIFY, 2017), EXPLICA QUE A REFLEXÃO FEITA POR ELE SOBRE A ETNOLOGIA AMAZÔNICA BUSCA “FORÇAR NOSSA IMAGINAÇÃO [ISTO É, A IMAGINAÇÃO NÃO-INDÍGENA], E SEUS TERMOS, A EMITIR SIGNIFICAÇÕES COMPLETAMENTE OUTRAS E INAUDITAS.” É “UMA ATIVIDADE DE TRADUÇÃO”, ACRESCENTA ELE. VOCÊ PENSA QUE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA E, DE MODO GERAL, A DOS AUTORES INDÍGENAS NO BRASIL TÊM PROPÓSITO SEMELHANTE, EMBORA EM UM CAMPO DE ATUAÇÃO DISTINTO?

R – Acho que sim. O que me parece mais claro é que os autores indígenas não escrevem para seus pares, mas para um público que nos vê como extraterrestres. Inverter esta ordem é muito difícil porque se trata de uma luta desigual. “Traduzir” a cultura indígena para o leitor ocidental é muito mais complexo que simplesmente escrever livros. Passa pela necessidade de reeducar o olhar das pessoas e sugerir a elas que o mundo só vai aceitar os indígenas quando os entender essencialmente. Ou seja, é preciso mudar o modo mental de compreender a realidade que lhes foi imposta. Isso se chama mudança de paradigma. Alguma outra literatura precisa fazer isso? Não, apenas a nossa.

P – UMA QUESTÃO IMPORTANTE DA PRODUÇÃO LITERÁRIA TEM A VER COM A AUTONOMIA EXPRESSIVA, ISTO É, COM A POSSIBILIDADE DE O AUTOR ESCREVER NA SUA PRÓPRIA LÍNGUA E NÃO DEPENDER, POR EXEMPLO, DE UMA LÍNGUA FRANCA PARA A COMUNICAÇÃO DOS SABERES. VOCÊ CONHECE LITERATURA INDÍGENA PRODUZIDA EM LÍNGUA INDÍGENA? O QUE PENSA DESSAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS? NESSE CONJUNTO, VOCÊ PODERIA INDICAR ALGUNS ESCRITORES QUE CONSIDERE IMPORTANTES E JUSTIFICAR POR QUÊ?

R – Eis aí um grande dilema. Aprendemos que a leitura é um direito de todos. Como pode ser de todos se os cidadãos que não falam a língua majoritária não têm acesso à literatura universal escrita em sua língua nativa? Direitos são, a grosso modo, falácias criadas para satisfazer o peso na consciência ocidental. O correto era que independente do número de falantes ou leitores, cada sociedade indígena tivesse uma biblioteca montada na sua língua materna. Isso ajudaria a fortalecer a fala tradicional além de favorecer o surgimento de escritores em língua materna, o que, hoje, ainda não se percebe como realidade. Todo estudante indígena tem que saber falar o português caso queira avançar em seus estudos. Se consegue chegar à universidade encontra várias barreiras linguísticas por não ter tido educação escolar de qualidade. E por aí vão as dificuldades encontradas diariamente

pelos povos indígenas. Nunca houve política para o fortalecimento das línguas. Portanto, nunca houve cenário para o surgimento de escritores nas línguas maternas. Até porque surge a pergunta: quem lerá as obras escritas nessas línguas?

Claro que existem obras escritas em diversas línguas indígenas, sobretudo em grupos cujo número de leitores é maior. Também há livros bilíngues publicados por algumas editoras comerciais. Nesse caso, estes livros podem ser usados tanto nas escolas formais quanto nas escolas indígenas. Isso, creio eu, já é um avanço.

P – O CÂNONE LITERÁRIO REPRESENTA O QUE UMA NAÇÃO TEM PARA OFERECER AO MUNDO NO PLANO DAS EXPERIÊNCIAS LOCAIS SOBRE A HUMANIDADE. PORÉM, SABEMOS QUE A EXISTÊNCIA DO CÂNONE DEPENDE DOS GOSTOS GERAIS SOCIALMENTE COMPARTILHADOS E DA CONCEPÇÃO PREDOMINANTE QUANTO AO QUE SEJA O “HOMEM”. NESSE SENTIDO, COMO SE PODERIA REPENSAR O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DA PRODUÇÃO TEXTUAL INDÍGENA? E MAIS ALÉM, COMO AS NOÇÕES INDÍGENAS DA LITERATURA PODERIAM AMPLIAR A CONCEPÇÃO DE “LITERATURA BRASILEIRA”?

R – O cânone costuma ser rígido. Qualquer mudança na sua orientação leva tempo e, principalmente, exige

que os próprios acadêmicos reconheçam as novidades trazidas pelas novas produções literárias. Por acaso foi esse o caminho trilhado pela literatura indígena que por longo tempo esteve relegada à periferia. Vários acadêmicos negavam peremptoriamente haver a possibilidade de uma literatura “autenticamente” indígena porque, diziam, a transmissão possível para nossos povos passava pela oralidade. Escrever era quase que uma afronta a essa dinâmica. No entanto, com o passar do tempo e com o permanente crescimento da produção literária indígena, a academia teve que se curvar e aceitar que há sim uma escrita de qualidade nascida da criatividade de autores indígenas. Hoje em dia há capítulos em teses e mestrados onde se trata a literatura indígena como uma realidade para além do rigidismo acadêmico. Agora, quem vai encontrar nas entrelinhas dessa produção o que pode ser um contributo para a literatura brasileira há de ser os pesquisadores e não os autores indígenas.

P – VOCÊ JÁ RESSALTOU, EM VÁRIAS OCASIÕES, A POTÊNCIA DO SILÊNCIO COMO “ESPAÇO” DE APRENDIZADO E CRIAÇÃO. O SILÊNCIO COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DA MEMÓRIA, DO PERTENCIMENTO À TERRA; COMO PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE A ORALIDADE INDÍGENA E A ESCRITA LITERÁRIA; COMO FENDA NO BARULHO (EM NOÇÃO METAFÓRICA OU NÃO) GERADO

PELA SOCIEDADE “BRANCA”. POR EXEMPLO, EM A PALAVRA DO GRANDE CHEFE (GLOBAL, 2008), A IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO É TEMATIZADA EM UMA FALA DO CHEFE SEATTLE: “NÃO EXISTE UM LUGAR SERENO NAS CIDADES DO HOMEM BRANCO. NÃO HÁ LUGAR ONDE POSSA SE OUVIR O DESABROCHAR DAS FLORES NA PRIMAVERA OU O ZUNIR DAS ASAS DE UM INSETO.” NA SUA OPINIÃO, COMO O SILÊNCIO APARECE EM SUAS NARRATIVAS LITERÁRIAS? E COMO O SILÊNCIO PARTICIPA DO SEU PROCESSO CRIATIVO? O BARULHO DE NOSSAS CIDADES PERTURBA SEUS FLUXOS DE PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO?

R – Este silêncio é “ouvível” o tempo todo na minha escrita. Há coisas que não digo, mas deixo que o silêncio fale ao ouvido de quem me lê. A minha escrita é tão clara quanto incógnita. É tão fácil quanto difícil. Tão infantil que os adultos têm dificuldade de a apreender. O vazio do que escrevo preenche o leitor que sabe se esvaziar. Para mim é muito simples me livrar do barulho: eu o incorporo ao meu silêncio. Não me deixo perturbar pelos gritos, pelos barulhos. A única coisa que me ensurdece é o silêncio. Ele também me preenche.

P – VOCÊ CLASSIFICOU – POR EXEMPLO, NO ARTIGO “A ESCRITA E A AUTORIA FORTALECENDO A IDENTIDADE” (PUBLICADO NO SITE PIB.SOCIOAMBIENTAL.ORG, 2017) – O PENSAMENTO INDÍGENA COMO “HOLÍSTICO E CIRCULAR”, EM OPOSIÇÃO AO “PENSAMENTO

QUADRADO OCIDENTAL”. QUAIS OS TRAÇOS E DIFERENÇAS DE AMBOS PENSAMENTOS?

R – Simples: Pensamento ocidental = foca no futuro. É linear. Anda para frente sem valorizar o passado. Aposta no futuro como possibilidade de ser feliz. A felicidade está sempre além do agora. Forja o mito de que é preciso ser alguém na vida. Tira a pessoa do “nós” e a obriga a olhar para si. O pensamento quadrado é egoísta.

Pensamento indígena = foco no presente. É circular. Anda pra frente empurrado pelo passado, pela memória. Não acredita no futuro por não tê-lo experimentado. Acredita que só é possível ser feliz hoje. Acredita que somos alguém agora. Tira a pessoa do EU e a obriga a olhar para o NÓS. O pensamento indígena é coletivo.

P – É COMUM QUE SE FAÇA UMA DIVISÃO RADICAL ENTRE O PENSAMENTO OCIDENTAL E O PENSAMENTO INDÍGENA, A QUAL IMPLICA UMA ESPÉCIE DE IMPOSSIBILIDADE COMUNICATIVA. ISTO TEM A VER COM A NECESSIDADE DA EXISTÊNCIA DE UM TRADUTOR OU UM MENSAGEIRO. DENTRO DA SUA EXPERIÊNCIA DUPLA OU DE FRONTEIRA ENTRE UM MUNDO E OUTRO, É POSSÍVEL “INDIGENIZAR” O SABER ORIUNDO DA LITERATURA E FILOSOFIA DOS COLONIZADORES? VOCÊ PODERIA DIZER SE AS FORMAS DE CONHECIMENTO OCIDENTAIS TÊM ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

IGUAIS OU SIMILARES ÀS INDÍGENAS, CARACTERÍSTICAS QUE PODERIAM SER APROVEITADAS PARA ESTABELEÇER PONTES DE COMUNICAÇÃO PARA UM PROJETO COMUM SÓLIDO?

R – A existência é forjada a partir de narrativas. Assim é no ocidente ou no oriente. A diferença é como essas narrativas são desenvolvidas, como são lidas na hora de compor o modo de viver a existência. O oriente já consegue fazer esse equilíbrio acontecer. A soberba ocidental ainda não foi capaz de se despojar da arrogância. Só consegue aceitar a mudança quem valoriza o passado. Infelizmente o Brasil ainda não evoluiu ao ponto de se reconciliar com o seu passado indígena e africano. A literatura tem acompanhado isso. É preciso superar nossos complexos de inferioridade para aceitar que o mais simples é, às vezes, a solução para o equilíbrio existencial.

Fazer isso seria um passo glorioso para o Brasil cumprir sua vocação para a felicidade. Aqui já temos todos os ingredientes para fazermos a mudança paradigmática acontecer: somos o país da sociodiversidade cultural; da megabiodiversidade planetária; de uma ciência endêmica; de uma sabedoria ancestral. Quem pode querer mais que isso?

P – NO ARTIGO “A ESCRITA E A AUTORIA FORTALECENDO A IDENTIDADE”, VOCÊ LEMBRA QUE, NO BRASIL, O REGIME DITATORIAL MILITAR “ALMEJAVA EXTERMINAR AS IDENTIDADES TRANSFORMANDO-AS NUMA ÚNICA E CÍNICA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA”. ESSE ANSEIO TEM SIDO REAVIVADO EM FALAS E AÇÕES DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO E DE OUTROS MEMBROS DO GOVERNO FEDERAL. COMO VOCÊ CARACTERIZA ESTE GOVERNO, ESPECIALMENTE NO QUE DIZ RESPEITO AOS POVOS INDÍGENAS? E COMO AVALIA A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO INDÍGENA NAS ATUAIS CONJUNTURAS POLÍTICAS BRASILEIRA E INTERNACIONAL? EXISTE A NECESSIDADE DE ADOTAR NOVAS FORMAS DE LUTA? SE SIM, QUAIS MUDANÇAS DEVERIAM OCORRER?

R – Na verdade, não temos um governo em atuação no país. Temos uma quadrilha disposta a destruir todo o patrimônio nacional. Temos um grupo armado que teima em dar ordens para serem temidos. O povo brasileiro foi vítima de sua própria estupidez por ter se deixado convencer por um ser esdrúxulo incapaz de dizer duas palavras boas para quem quer que seja. Portanto, o que está acontecendo com os povos indígenas é fruto dessa manada que aceita o discurso inconsequente do seu líder. Lembro-me da brincadeira infantil chamada “o que seu mestre mandar” cuja regra era cumprir a ordem dada. O governante é um tocador de berrante. É assim que o vejo.

Com relação ao movimento indígena, creio que é o único segmento da sociedade brasileira que fica as 24 horas do dia em alerta. Sem recursos financeiros, sem muita solidariedade, sem parceiros fiéis, fica o tempo todo de olhos abertos vigiando onde serão os ataques contra os territórios, contra a cultura, contra a espiritualidade. Nem um grupo político faz isso. A luta do movimento não é contra um governo, é contra uma nação inteira. Aqui volto ao ponto anterior: quando é que o Brasil profundo vai aprender com os povos indígenas a arte da resistência? Conseguiu perceber que esta resposta inverte a pergunta inicial? A impressão que dá é que os movimentos sociais precisam aprender as estratégias de sobrevivência com os povos indígenas brasileiros.

P – EM 2019 FOI PUBLICADO O LIVRO *IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO* (COMPANHIA DAS LETRAS, 2019) DE AILTON KRENAK. NELE, O AUTOR QUESTIONA A IDEIA DE A HUMANIDADE TRAZIDA PELOS EUROPEUS SER A ÚNICA HUMANIDADE POR SE VIVER OU CONHECER. QUAL VOCÊ ACREDITA QUE SEJA A HUMANIDADE QUE PROPÕEM OS POVOS INDÍGENAS E QUE DEVE SER RETOMADA PARA SE EVITAR O FIM DO MUNDO, SE FOR POSSÍVEL?

R – Os povos indígenas são sociedades da solidariedade. Neles não há pobres ou ricos. Neles as riquezas são divididas, a pobreza repartida. Neles o humano não

é maior que a natureza, mas um parceiro de caminhada. Isso gera um equilíbrio existencial que é construído a partir da convivência verdadeira, da ausência de disputa de egos. Ali todos buscam os mesmos objetivos: uma vida tranquila, farta e equilibrada. Simples assim.

P – EM *A QUEDA DO CÉU* (COMPANHIA DAS LETRAS, 2015), DE DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT, FICA CLARO QUE OS PAJÉS QUEREM EVITAR UM FINAL QUE ENVOLVERIA AS PESSOAS DO NOSSO TEMPO. ISSO DEMONSTRA QUE A VOZ INDÍGENA NÃO TEM NADA DE PRIMITIVA, MAS SIM DE ATUAL E PARA TODOS. SABEMOS QUE NÃO EXISTIU NEM EXISTE UM SÓ FIM, MAS MUITOS FINS, DESDE A CHEGADA DOS EUROPEUS A ESTAS TERRAS. QUAL É O DIAGNÓSTICO QUE VOCÊ TEM SOBRE AS ATUAIS AMEAÇAS DE FIM DO MUNDO E, PARTICULARMENTE, SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19?

R – O mundo acaba e renasce todo dia. Somos pessoas do presente. O futuro é uma ilusão. Jogar com a possibilidade de as pessoas mudarem após a pandemia é absolutamente inconsequente. Quem quer mudar não espera o tempo chegar. Já diz a antiga canção: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Não acredito em quem fica vaticinando mudanças de mentalidade quando nada faz para que isso aconteça. As pessoas precisam se convencer que o mundo capitalista já deu o que tinha

que dar e que é preciso fazer uma revolução imediata, caso contrário não teremos futuro algum. Confesso que não sou otimista. Acho que o sistema capitalista, após a pandemia, estará ainda mais guloso e virá com todo seu poder de sedução sobre nós. Como não somos de ferro, tudo voltará a ser como era, só que pior.